

Título Original: *Football – A sociology of the global game*
Copyright©Richard Giulianotti, 1999.
© Copyright, 2002. Editora Nova Alexandria Ltda.

Todos os direitos reservados
Editora Nova Alexandria Ltda.
Rua Dionísio da Costa, 141
04117-110 – São Paulo – SP
Caixa Postal 12.994
04010-970 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 5571-5637
novaalexandria@novaalexandria.com.br
www.novaalexandria.com.br

Dados para catalogação

Giulianotti, Richard
Sociologia do futebol – Dimensões históricas e socioculturais do
esporte das multidões / Richard Giulianotti ; tradução de Wanda
Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes — São Paulo :
Nova Alexandria, 2002.

ISBN 85-7492-053-3

1. Esportes 2. Futebol 3. Educação física
I. Brant, Wanda Nogueira Caldeira II. Nunes, Marcelo de Oliveira

CDD-796

Revisão de texto: Wilson Ryoji Imoto
Simone Luiza Costa Silberschmidt

Capa: Lucio Kume
Editoração eletrônica: Wander Camargo Silva

Sumário

Apresentação	4
Prefácio	7
Glossário	13
1 A essência do futebol: as bases históricas e sociais do jogo global	15
2 O esporte do século XX: futebol, classe e nação	42
3 Culturas do espectador: paixão pelo jogo na Europa e na América Latina	62
4 Campos de futebol: vínculos emocionais e controle social	93
5 O preço da vitória: as finanças do futebol e a revolução da TV ..	116
6 Jogadores de futebol: de heróis locais a estrelas internacionais	142
7 O objetivo de vencer? Futebol, ciência, tática e estética	166
8 A política cultural do jogo: etnia, gênero e a mentalidade do "pós-torcedor"	188
Posfácio	212
Referências bibliográficas	221
Índice remissivo	242

O esporte do século XX: futebol, classe e nação

O futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação de massa, que formam e consolidam identidades nacionais no mundo inteiro. A difusão internacional do futebol durante o final do século XIX e o início do século XX ocorreu quando a maior parte das nações na Europa e na América Latina estava negociando suas fronteiras e formulando suas identidades culturais. Grandes e pequenas cidades estavam em construção, para serem ocupadas por novos cidadãos provenientes das áreas rurais ou do exterior. Os processos característicos da modernização (industrialização, urbanização e grande migração) desredavam os velhos laços sociais e culturais das comunidades rurais. As nações modernas requeriam a descoberta de novos caminhos de unificação de povos fundamentalmente diferentes em uma “comunidade imaginada” (Anderson, 1983).

Uma linguagem compartilhada, um sistema educacional e meios de comunicação de massa tornaram-se instrumentos culturais vitais para disseminar sentimentos de nacionalidade (Gellner, 1983). Cada nação produziu uma “história oficial”, celebrando figuras heróicas que haviam lutado para defender “o povo” contra forças hostis. De maneira mais influente, a cultura popular fornecia esses recursos com componentes estéticos e ideológicos. Eventos esportivos, principalmente partidas de futebol, tornaram-se os colaboradores mais importantes. Times de futebol de diferentes partes do país podem representar localidades rivais, mas dentro de uma estrutura unificadora de um sistema de liga nacional. Nos internacionais, o time incorpora a nação moderna, com frequência envolvendo-se literalmente com a bandeira nacional e iniciando os jogos com uma canção comum, o “hino nacional”. O poder tecnológico dos meios de comunicação garante que todos os cantos da nação possam compartilhar da ação (e, assim, participar), assistindo à televisão ou ouvindo rádio (Gruneau *et al.*, 1988, p. 273)¹.

O nexos moderno entre futebol e nação é sustentado pela crescente complexidade da vida social e cultural. A complexidade cultural refere-se à quantidade de informação (“conhecimento”) que os atores utilizam para lidar com o mundo. A complexidade social refere-se à interação social desses atores, a distância de suas posições sociais, as relações que eles têm entre si (Archetti, 1997b, p. 128). Usando esses eixos de troca, podemos identificar como o futebol tornou-se mais complexo. Socialmente, ocorrem maiores níveis de interação entre jogadores, torcedores, dirigentes e outros atores (tais como repórteres de televisão, políticos e patrocinadores) em todas as nações. Além disso, como o futebol tornou-se mais global, o número de atores sociais e sua frequência de interação multiplicaram-se. Velhos limites entre o local, o regional, o nacional e o global são correntemente penetrados ou derrubados. Além disso, a complexidade cultural crescente ou o caráter “híbrido” do futebol reflete essa globalização. Diferenças de tempo e de espaço são cada vez menores (Harvey, 1989). A tecnologia permite que as informações sobre o futebol sejam de caráter mais global do que nacional. A mobilidade de jogadores, repórteres, árbitros, torcedores e, o que é mais importante, imagens do futebol garantem coletivamente que os indivíduos tenham, agora, uma imensa diversidade de informação para jogar ou assistir ao esporte. Appadurai (1990) emprega o termo “fluxo” para descrever a circulação global dos produtos culturais, das pessoas e dos serviços. O “fluxo” global opera por meio de um grande número de “cenários” como o da mídia ou o financeiro. A esses, devemos acrescentar o “cenário do futebol” para nos referirmos à circulação geocultural das partes constituintes do futebol: jogadores e técnicos, torcedores e dirigentes, bens e serviços, ou informações e artefatos².

Neste capítulo, examino como as relações sociais e culturais complexas no “cenário do futebol” passaram de predominantemente modernas e “nacionais” para “pós-modernas” e “globais”. Começo discutindo os acontecimentos históricos globais que se encontram por trás da mudança de controle político e cultural da Grã-Bretanha (e do velho mundo) para a Fifa (e o novo mundo). Para isso, adoto uma abordagem de estudo de caso, de modo a explicar algumas características comuns ou diferentes do cenário do futebol em nações futebolísticas específicas. Do “velho” mundo do futebol, observo a Inglaterra, a Escócia e a Alemanha; do “novo” mundo do futebol, a Argentina e o Uruguai. Todas são nações futebolísticas “modernas”, tendo o jogo desempenhado papel-chave na formulação de seus idiomas dominantes de identidade nacional. Concluo a discussão examinando três nações (Estados Unidos, Irlanda e Austrália), que privilegiaram outros esportes durante a construção de sua nação “moderna”. Por último, uma vez que cada uma delas reconstruiu sua identidade nacional em um ambiente global, o futebol caracterizou-se proeminentemente como um facilitador do esporte “pós-moderno”.

A modernização do futebol: o jogo britânico vai para a Fifa

Em um sentido político global, a modernização do cenário do futebol é marcada por duas fases: em primeiro lugar, a transferência gradual da hegemonia das Ilhas Britânicas para a Europa e, em seguida, a dominação moderna final do novo mundo na Fifa³. Isso conta uma história da difusão global do futebol política e culturalmente e, de maneira cruel, expõe o fracasso da Grã-Bretanha em se ajustar estratégica e ideologicamente a um *status* internacional em declínio.

Após expandir o jogo globalmente, a Grã-Bretanha fez pouco para preservar sua liderança em termos políticos e administrativos. Sete nações européias entraram em um completo vácuo, em 1904, e fundaram a Federação Internacional de Futebol (Fédération Internationale de Football Association – Fifa), com o nome significativamente francófono⁴. Em sua infância as Home Nations mantiveram uma política de distanciamento da Fifa, perturbadas com a perspectiva de discutir seu esporte em pé de igualdade com os estrangeiros. Um dos problemas era que, ao contrário dos adversários da Grã-Bretanha no críquete ou no rúgbi, esses rivais futebolísticos não estavam incorporados ao Império Britânico mas eram livres para seguir seu próprio desenvolvimento cultural. Além disso, eram adversários da Grã-Bretanha na disputa pelas colônias no pré-guerra, ou seus “parceiros comerciais” quando os negócios ainda eram considerados vulgares pelos guardiões aristocratas do futebol britânico (Wagg, 1984, p. 14).

Os novos poderes do futebol ainda submetidos ao simbólico da Grã-Bretanha adiam a discussão, solicitando continuamente aos especialistas britânicos para se encarregarem do jogo, e indicando o tesoureiro da FA, D. B. Woolfall para presidente da Fifa em 1906 (Perkin, 1992, p. 212). Além disso, a Fifa aceitou as demandas britânicas de que as Home Nations fossem admitidas como membros separados com direitos autônomos de voto. No entanto, as relações dos britânicos com a Fifa eram constantemente conflituosas. As Home Nations incorporam-se a ela entre 1905 e 1911, mas abandonaram-na conjuntamente em 1920, quando a Fifa favoreceu as petições de membros da Alemanha, Áustria e Hungria. A readmissão em 1924 foi cancelada em bloco quatro anos depois, devido às discordâncias sobre as despesas relativas aos jogadores “amadores” (Duke e Crolley, 1996, p. 13). Durante o período entre as guerras, as Home Nations viram o crescimento da Fifa com uma mistura de suspeita e de humor. Recusaram-se a entrar nas três primeiras Copas do Mundo (1930, 1934, 1938), treinando suas visões nos extraordinários espetáculos de massa do futebol doméstico, uma vez que o público cresceu de maneira fenomenal⁵. A autopreocupação britânica levou as respectivas associações de futebol a despender mais tempo discutindo o governo local irlandês do que as questões internacionais (Walvin, 1994, p. 130).

A evidência do declínio internacional britânico não poderia continuar a ser ignorada. As vitórias rotineiras sobre times de seus domínios não conseguiram mascarar a emergência da ameaça continental. A primeira vez que a Inglaterra perdeu no exterior foi em Madri, em 1929, uma estreita derrota em que a Espanha venceu por 4 a 3. O time austríaco brilhante do início da década de 1930, o “maravilhoso time” burguês da “Escola de Futebol de Viena”, deu uma surra no escocês de 5 a 0 e perdeu da Inglaterra apenas por 4 a 3 (Horak, 1992, 1995)⁶. Mais ou menos na mesma época, a Escócia perdeu da Itália, em Roma, por 2 a 0. A Inglaterra entrou na guerra confortavelmente, depois de derrotar a Alemanha em casa e fora em 1935 e em 1938; uma pobre seleção da Fifa não foi classificada, enquanto a “Batalha de Highbury”, em 1934, contra os campeões mundiais da Itália acabou em 3 a 2 para o time da casa (Birley, 1995b, p. 302).

Depois da guerra, aos poucos a mentalidade isolacionista do Reino Unido diminuiu. As Home Nations reincorporaram-se à Fifa em 1946/1947, e a Inglaterra enviou um time para a Copa do Mundo de 1950 no Brasil. A Escócia desistiu de uma classificação porque não conseguia vencer o campeonato da casa naquele ano – indicando mais uma vez onde residiam as prioridades britânicas (Forsyth, 1990, p. 180). No entanto, os fracassos internacionais logo tiveram um impacto sísmico sobre as noções de superioridade britânicas. Em 1945, o brilhante Dinamo de Moscou (na realidade, o time nacional soviético) visitou o Reino Unido, impressionou grandes multidões com suas habilidades, e voltou para casa vitorioso em quatro jogos (Edelman, 1993, p. 87-91)⁷. Em 1950, a Inglaterra perdeu para o estilo de influência escocesa dos Estados Unidos no Brasil; a seleção da Escócia tornou-se o primeiro time nacional britânico a perder em casa (1 a 0 para a Áustria). E o que é mais importante, o “Magical Magyars” da Hungria veio em novembro de 1953 e deu uma lição de futebol nos ingleses, vencendo por 6 a 3 no Wembley e por 7 a 1 em Budapeste um ano depois. O primeiro jogo adquiriu um *status* mitológico na genealogia do futebol inglês. Ele sacudiu nas bases as tradições do futebol inglês e forçou uma reavaliação do *status* mundial da Grã-Bretanha, exatamente quando as colônias do Império demonstravam sua ânsia de independência. A Escócia teve um desempenho muito melhor contra os mesmos húngaros, perdendo por dois gols nas duas partidas em casa e fora. O Uruguai infligiu dois golpes no amor-próprio britânico nos jogos da Copa do Mundo de 1954 na Suíça, aniquilando a Escócia por 7 a 0 e batendo a Inglaterra por 4 a 2. Ao mesmo tempo, das quatro Home Nations classificadas para a Copa quatro anos depois, somente o País de Gales e a Irlanda do Norte chegaram às últimas fases, ambas perdendo nas quartas-de-final. Nessa fase, a presunção da Grã-Bretanha de excelência no futebol ficou visivelmente reduzida. As imagens da televisão do brilho dos brasileiros na Suécia foram radiantes. O “jogo bonito” de seus cinco ilustres jogadores de frente – Didi, Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo – era sem igual na Europa e deixou o Reino Unido como nunca se pensara.

O processo por trás desse declínio do futebol moderno é perceptivelmente identificado no negligenciado clássico *Soccer Revolution*, de Willy Meisl, publicado em 1955. Meisl foi particularmente crítico à hierarquia do futebol inglês por falta de inovação ou de levar a sério os times estrangeiros. Embora os times ingleses tenham raspado vitórias sobre as equipes continentais entre o início da década de 1930 e a de 1950, poucos admitiram que fossem em geral jogados por estrangeiros tecnicamente superiores. A FA inglesa ignorou um relatório de 1936, feito por Stanley Rous, demandando medidas para salvaguardar a posição internacional da Inglaterra. Catorze anos depois, os jornalistas e os dirigentes de futebol ingleses retiraram-se “em massa”, após o time inglês ter sido eliminado da Copa do Mundo no Brasil, acreditando que nada interessante poderia emergir das últimas rodadas. A resposta escocesa às habilidades do exterior foi mais atávica; o craque time húngaro de 1954 foi atacado com aberta violência. Constantes humilhações dos times ingleses tornaram-se inevitáveis, uma vez que os times continentais modernos tinham se livrado nas eliminatórias dos nervos de jogar com os “guardiães” tradicionalistas de futebol. No âmbito do clube, o time excepcional Manchester United, que morreu no desastre aéreo de 1958 em Munique, podia enfrentar os grandes times europeus do sul, como o Real Madrid, o Benfica, a Internazionale e o Milan. No entanto, a extraordinária final da Copa dos Campeões de 1960 entre o Real Madrid e o Eintracht Frankfurt, jogada em Glasgow diante de 135 mil torcedores e uma audiência de TV de âmbito nacional, não deixou a menor dúvida da estagnação britânica.

Quando o poder na área foi transferido da Grã-Bretanha para os cantos do futebol moderno da Europa e da América Latina, o controle administrativo também foi modernizado. Uma pirâmide racionalizada de autoridades controlou a crescente complexidade global do novo cenário do futebol. A Fifa manteve o poder universal do futebol e investiu seus membros de uma autoridade de âmbito nacional. Para facilitar a administração e a organização das competições, a Fifa sancionou a formação das confederações continentais de futebol para funcionarem como níveis médios de controle entre o nacional e o global⁸. Essas confederações deram poder a nações menores em matéria de futebol, como as da África e da Ásia, com direitos de voto em um nível global. A Conmebol já havia sido fundada, em 1916, para organizar torneios sul-americanos e representar interesses do “novo mundo” além-mar. Em 1954, criou-se a Uefa para administrar o futebol europeu. Embora a Uefa reflita a ampla série de alianças europeias pós-guerra, do gênero da União Europeia de hoje, tinha-se a intenção de conter a influência crescente do novo mundo (Sugden e Tomlinson, 1997, p. 3-4). Enquanto isso, a AFC foi constituída a partir de um encontro das nações que competiam nos Segundos Jogos Asiáticos em Manilha. A CAF foi fundada três anos depois, exatamente quando Gana proclamou sua autonomia, tornando-se independente do Reino Unido. A América do Norte e a América Central entraram na mesma linha com a fundação da Concacaf

em 1961⁹. A Confederação de Futebol da Oceania foi fundada em 1966; sua formação tardia é reflexo da baixa importância do futebol nas ilhas do sul.

Basicamente, nessa organização do jogo global, a unidade política e administrativa chave foi definida como o Estado-nação. Com a exceção privilegiada do Reino Unido (e suas quatro Home Nations), os membros da Fifa continuam dependentes do reconhecimento nacional pelas Nações Unidas. No Ocidente, separatistas políticos dentro das nações devem ser deixados de lado. Na Espanha, as “nacionalidades” de Castela, da região da Catalunha e basca (sem falar da identidade cultural distinta na Andaluzia e na Galícia) são furiosamente expressas no âmbito do clube, mas mantidas em segredo para permitir que esses diferentes jogadores representem o país (ou excepcionalmente a França). Guerras civis nos velhos Segundo e Terceiro Mundos desestabilizaram a situação da Fifa e afetaram nações. Durante a guerra civil da Iugoslávia, a Uefa negou ao time da “Iugoslávia” o direito de competir nas finais do Campeonato Europeu de 1992. Mais tarde, clubes do novo Estado da Bósnia-Herzegovina foram barrados nas competições europeias porque não competiram em um único campeonato nacional de futebol, mas em vez disso dividiram-se em ligas sérvias, croatas e muçulmanas.

Inicialmente, a nova pirâmide de poder do futebol não produziu importantes mudanças políticas. Os presidentes da Fifa continuaram a sair da França e da Inglaterra; as Copas do Mundo alternavam-se entre a América do Sul e a Europa. No entanto, o final da soberania do Velho Mundo veio com *sir Stanley Rous*, de quem o internacionalismo ingênuo precipitou a demissão. Rous não conseguiu avaliar as ramificações políticas do novo cenário do futebol global. Os novos Estados membros da África e da Ásia mantiveram os mesmos direitos de voto nos encontros da Fifa e estavam compreensivelmente interessados em defender seus interesses coletivos (Sugden e Tomlinson, 1997, 1998). Rous não percebeu essa tendência, nem mudou sua crença simplista de que o futebol e a política deveriam ser mantidos separados, antagonizando por isso um grande número de delegados do mundo desenvolvido. A posição “de neutralidade” de Rous resultou na subestimação de questões políticas delicadas relacionadas ao futebol da China e seu *status* mundial, ao regime brutal de Pinochet no Chile e ao sistema de *apartheid* da África do Sul. Em 1974, o brasileiro João Havelange foi eleito presidente da Fifa após uma viagem pelo mundo em busca de apoio. Ele conseguiu maximizar as atividades comerciais da Fifa em troca do aumento de influência de novos membros, principalmente por meio da representação na Copa do Mundo. Havelange foi sucedido por Sepp Blatter, em 1998, e seu legado de mercantilização e política diligentes teve conseqüências reais para o Reino Unido. O Conselho Internacional da Fifa, onde o Reino Unido tem seu vestígio final de influência privilegiada, sofreu pressões constantes para revolucionar as leis do futebol, para torná-lo

mais atraente para os novos consumidores (mais do que para os adeptos estabelecidos do futebol)¹⁰.

Em geral, com a modernização de todo o futebol, houve mudanças graduais no poder. No início da modernização, a influência administrativa muda do Reino Unido para o continente europeu, e é acompanhada visivelmente por uma transferência da hegemonia no campo de futebol. O final da modernização assiste à nova ascendência política mundial. Nenhum processo revoluciona a infra-estrutura política do futebol mundial, em que o Estado-nação representa a principal unidade. No entanto, como argumentarei, a contínua modernização do futebol enfraquece potencialmente a centralidade do Estado-nação; na metáfora apropriada de Giddens (1990, p. 139), o grande caminhão da modernidade pode enguiçar devido aos obstáculos fora de controle de seus motoristas iniciais. Para explorar essa possibilidade, introduzo a noção da “pós-modernização” do futebol e observo os casos “pós-nacionais” da Irlanda, da Austrália e dos Estados Unidos. No entanto, para chegar nesse ponto, pretendo fazer uma curta discussão enfocando os casos históricos de algumas nações futebolísticas estabelecidas. Portanto, observo os velhos inimigos da Inglaterra, Escócia e Alemanha na Europa, e a velha rivalidade latino-americana entre Argentina e Uruguai. Cada uma dessas nações passou por fases do futebol “tradicional” e “moderno”; entraram, então, em um período “pós-moderno”, em que o novo e predominante sentido da identidade nacional precisa ser reconstruído no ambiente global.

Estudos do futebol e da identidade nacional: os velhos inimigos da Inglaterra, Escócia e Alemanha; Argentina e Uruguai

Talvez a Inglaterra tenha sido o local em que a contribuição do futebol para a construção (e desconstrução) da identidade nacional enfrentou maior complexidade. O período “tradicional” do futebol inglês envolveu uma enorme cultura popular da classe operária centrada no futebol, nos conflitos de classe sobre o amadorismo e na política externa isolacionista. Como vimos, os ingleses codificaram e praticaram o jogo do povo durante mais tempo que qualquer outro país e imaginaram assim continuar seus mestres. Durante o período de modernidade inicial, nos anos entre as guerras, o declínio do futebol inglês foi mascarado pela deferência resultante das vitórias internacionais no continente e na vizinhança. O período moderno, no início do pós-guerra, assistiu ao futebol internacional inglês (muito semelhante à influência britânica no exterior) entrar em um sério declínio, com a deliberada exceção da Copa do Mundo de 1966. O jogo inglês continuou estável em suas tradições enquanto a economia e a cultura nacional estagnaram-se na nostalgia da grandeza inicial. Em sua modernidade final,

os *hooligans* do futebol inglês lutaram contra seus adversários europeus com uma ferocidade semelhante à de Margaret Thatcher em sua perseguição aos inimigos internos, na Europa e na planejada guerra das Falklands (Critcher, 1994, p. 86-87). Embora os times de clubes ingleses dependessem fortemente das outras Home Nations e das colônias para dominar a Europa, as fraquezas do time nacional não podiam ser disfarçadas. No período pós-moderno de reinvenção externa, o jogo inglês foi favorecido por dinheiro do setor de serviços e por influências européias antigas. Os campos de futebol ingleses mantiveram-se, de fato, devotos ao Partido Trabalhista. Mas a congregação masculina do boné, do início da modernidade, foi substituída pela nova classe média, casais blairistas e famílias. Enquanto isso, o jogo nacional inglês explora sua herança: convites para importantes torneios internacionais foram entregues com a curta mensagem de que o futebol deveria “voltar para casa”.

As tensões de identidade nacional escocesa dominante estão tradicionalmente relacionadas ao futebol e a uma dependência estrutural da Inglaterra. O período tradicional do futebol estava enraizado em uma forte cultura masculina da classe operária; divisões étnicas e religiosas enraizadas na questão irlandesa; e uma relativamente amigável rivalidade com a Inglaterra. As disputas do futebol inglês com o escocês eram vistas como vantajosas para a União e favoreciam também a “separação” funcional dos aparelhos estatais escoceses (Paterson, 1994). A maior modernização da Escócia e de sua economia do futebol teve forte influência inglesa. A modernidade recente da Escócia na década de 1970 assistiu a uma profunda intensificação da rivalidade no futebol com os ingleses, à descoberta do petróleo e às críticas ferozes nacionalistas de políticos e *kulturkritiks* contra os “patritotas de uma hora e meia” (Nairn, 1981; McIlvanney, 1991; Jarvie e Walker, 1994). O ambiente pós-moderno assistiu ao futebol escocês e à sociedade mais ampla ressaltarem novos horizontes europeus e globais, auxiliados pelo Parlamento escocês antes do milênio. Todavia, continua a existir uma dependência residual da Inglaterra como um ponto de referência vital para definir sentimentos de caráter escocês, em matéria de futebol e de qualquer outro assunto (Finn e Giulianotti, 1998)¹¹. Os escoceses continuam a apoiar todos os adversários da Inglaterra, mesmo os alemães, como uma técnica reativa para a construção da identidade.

Ao contrário do Reino Unido, as tradições do futebol alemão não têm nenhuma pré-história “primitiva”; o jogo foi predominantemente de “classe média baixa”, pelo menos até a década de 1930 (Lanfranchi, 1994). Muitos clubes eram dominados pelos trabalhadores aspirantes a novos colarinhos-brancos, tais como contadores, assistentes de vendas e mecânicos; sua organização tinha como modelo a fraternidade dos estudantes e a respeitável sociedade civil (Eisenberg, 1989). Em meados do século, no período do começo da modernidade do futebol alemão, essa hegemonia foi cada vez mais desafiada pelos clubes da classe operária do Ruhr. Schalke 04, o “Pole and Prole club” de Gelsenkirchen ganhou sete títulos de ligas entre

1934 e 1958 (Gehrmann, 1994). Posteriormente, o moderno jogo da Alemanha Ocidental foi dominado pela iniciativa pan-nacional do Bayern de Munique, enquanto os times nacionais, sob a influência de Beckenbauer, revelavam uma capacidade de vencer ainda maior (Kuhn, 1996). No entanto, no ambiente pós-moderno de uma Alemanha unificada, o apoio à seleção nacional reflete sentimentos opostos de identificação nacional. Por um lado, há os *neckermann* (“turistas do futebol”) que voltam para a seleção nacional logo que ela vence. Esses torcedores refletem o *Verfassungsnationalismus* (Nacionalismo Constitucional) que prevalece na Alemanha, baseado no que Parsons denominava “sistema de integração”, que sobrevive ao mesmo tempo que a constituição funciona efetivamente. Inversamente, os torcedores “dedicados” têm uma associação mais afetiva com o time nacional. Refletem uma forma de identidade alemã enraizada na “integração social ou moral”, e que é mantida se o time (ou a economia) vence, perde ou empata (Giulianotti, 1996c; Kreckel, 1997).

Uma estrutura genealógica semelhante enfatiza a relação do futebol às formas de identidade nacional e à história na América do Sul. Na Argentina, o futebol tornou-se um meio cultural chave para forjar os primeiros sentidos de identidade nacional tradicional e popular. O jogo tornou-se profissional em 1931, quando a Argentina moderna estabeleceu-se como nação futebolística líder. O futebol rapidamente ergueu-se junto a outros símbolos nacionais míticos, como o gaúcho, o tango e o churrasco (Archetti, 1994). O jogo argentino tornou-se importante instrumento populista durante o primeiro período do governo peronista (1946-1955). Todavia, na era moderna do final dos anos 50 e na década de 1960, o *status* econômico e político da Argentina foi reproduzido pelos fracassos do time nacional (Alabarces e Rodrigues, 1999). A nação ficou traumatizada com a desastrosa derrota de 6 a 1 para a Checoslováquia na Copa do Mundo de 1958 (Levinsky, 1995, citado em Arbena, 1998). Durante a década de 1970, a junta militar esforçou-se para reunificar o futebol e a política abrigando a Copa do Mundo; o antagonismo político e o terror militar freqüentemente colidiram violentamente no estádio nacional (Archetti e Romero, 1994). Subseqüentemente, a crise da Argentina tornou-se dramática na década de 1980 por dois modelos opostos de estilo do futebol (Archetti, 1996). Por um lado, o tradicionalismo de Menotti celebrou as virtudes latinas de estilo, honestidade e espetáculo (Mason, 1995a, p. 128). Por outro lado, o pragmatismo moderno de Bilardo utilizou técnicas de disciplina, de trabalho e de organização européias (Di Giano, 1995). Atualmente, a sociedade argentina e seu futebol entraram em um período pós-moderno. O neoconservadorismo político e as políticas fiscais de *laissez-faire* estimularam a crescente influência das estações de televisão sobre um jogo doméstico endividado (Alabarces, 1998).

No Uruguai, o futebol tornou-se veículo altamente poderoso para a formação da identidade nacional. Como na Argentina, o futebol uruguaio foi inicialmente controlado pela elite britânica e por profissionais locais. Ao

mesmo tempo, enormes ondas de imigrantes europeus estavam chegando e instalando-se em Montevideú. Os novos uruguaio tinham poucos símbolos culturais para uni-los enquanto “nação”, mas o futebol logo preencheu esse vácuo. O início da modernização do Uruguai coincidiu com o surgimento do time nacional que, primeiro, ganhou as medalhas de ouro olímpicas em 1924 e 1928, e depois a Copa do Mundo em 1930 (Giulianotti, 1999). Em 1932, o jogo doméstico uruguaio tornou-se profissional. O processo de formação da nação moderna atingiu seu apogeu em 1950 com o épico Maracanazo, quando o Uruguai ganhou por 2 a 1 do Brasil, vencendo a Copa do Mundo (Reisch, 1991, p. 83). O bravo desempenho do capitão Varela incorporou um sentido determinado e definitivo de caráter “uruguaio” moderno. Coroou também a ascendência política do Uruguai à nação mais democrática e organizada da América Latina. A pequena população, a economia vulnerável e o *status* global periférico do Uruguai foram aos poucos reproduzidos no campo do futebol mais moderno. A junta militar brutal (1972-1985) não conseguiu interromper o declínio; táticas de futebol cada vez mais agressivas mostraram-se também sem efeito. Na democracia pós-moderna, pós-regime militar, a sociedade uruguaia e o seu futebol erguem-se em uma relação paradoxal. A nação é uma das mais estáveis da América Latina; todavia, o estado de espírito nacional é profundamente pessimista. A explicação pode estar na má situação do futebol uruguaio contemporâneo e no esforço da seleção nacional em se classificar para torneios importantes. Conseqüentemente, não pode compensar os profundos investimentos emocionais e nacionalistas dos uruguaio no jogo nacional.

Continuidades e diferenças: nações futebolísticas tradicionais, modernas e pós-modernas

Esses estudos de caso indicam que cada nação possui algumas características únicas em sua história e identidade do futebol. A constituição inicial e a administração do futebol pertencem à Inglaterra, assim como a reputação de nação líder dos *hooligans*. A mistura do futebol e do populismo político da Argentina não têm iguais. O futebol escocês foi peculiarmente obcecado com suas relações com a vizinhança. A hegemonia da classe média baixa sobre o futebol e os impactos da reunificação nacional são somente alemães. Muitas nações podem clamar serem “loucas por futebol”, mas nenhuma se iguala à dependência nacional dos uruguaio em relação ao jogo.

No entanto, essas histórias de futebol nacional guardam importantes características comuns. Durante o período “tradicional” do futebol nessas nações, no final do século XIX e início do XX, o jogo privilegiava o amadorismo. Normalmente, o futebol era controlado pelas elites aristocráticas ou pela classe média urbana, que procuravam inculcar noções particulares de identidade nacional por intermédio do jogo, assimilando novos grupos de

imigrantes. O interesse da classe baixa pelo futebol multiplicou-se e surgiram os times da classe operária. A competição internacional tornou-se mais determinada; estilos nacionais particulares tornaram-se mais pronunciados por meio de constantes partidas intercontinentais. A hegemonia britânica tanto dentro quanto fora da área foi seriamente pressionada. A modernidade posterior do jogo começou após a Segunda Guerra Mundial; suas características tornaram-se cada vez mais marcantes durante as décadas de 1970 e de 1980. As competições entre clubes internacionais foram estabelecidas; a expansão do “cenário financeiro” do futebol garantiu o surgimento de clubes mais ricos; as transferências de jogadores internacionais multiplicaram-se. As velhas nações dominantes, como a Inglaterra, a Argentina e o Uruguai, passaram por um declínio em termos mundiais dentro e fora do campo de futebol.

Posteriormente, o futebol entrou no período da “pós-modernidade”. A desindustrialização fraturou o elo das classes operárias com clubes de subúrbios. A televisão passou a dominar as finanças e a administração das ligas de futebol e de seus clubes membros. As maiores nações beneficiaram-se, importando jogadores de todo o mundo, enquanto as menores tornaram-se dependentes das transferências externas. A circulação global do trabalho e das idéias começou a solapar as “tradições”, aumentando a mistura dos estilos de jogos.

Isso não significa que as “tradições” de nacionalidade das culturas futebolísticas particulares sejam desestabilizadas apenas pela pós-modernidade. Desigualdades entre as nações sempre existiram, durante as fases “tradicionais” e “modernas” do futebol, destruindo por isso a capacidade de países mais fracos formularem identidades nacionais por meio do jogo. Na época pós-moderna, o papel do futebol de reproduzir a identificação nacional na Argentina e no Uruguai é ameaçado pela venda de jogadores para a Europa. No entanto, essa desigualdade estrutural, e sua ameaça à “construção da nação”, existiu durante longo tempo. O Uruguai e a Argentina foram extremamente dependentes da Grã-Bretanha em relação ao aprendizado do jogo; a mistura é central em suas tradições de futebol nacionais. Durante a modernidade inicial do jogo, os êxitos de seu futebol sofreram danos pelas práticas sagazes da Itália. Os principais jogadores da América do Sul tornaram-se “oriundos”, ao conseguirem a permissão de “dupla nacionalidade”, de modo que pudessem jogar pela Itália. Os argentinos Orsi, Monti e Gualita jogaram para os vencedores da Copa do Mundo de 1934; o uruguaio Andreolo jogou como ponta para os campeões de 1938. Durante a década de 1950, os italianos recrutaram o “trio de morte” argentino (Maschio, Angelillo e Sivori) e os brilhantes uruguaios Schiaffino e Ghiggia. A dependência “moderna recente” da Argentina e do Uruguai em relação ao Velho Mundo continuou; ambos pediram empréstimo taticamente à Espanha e à Itália, enquanto jogadores e *managers* buscavam sua fortuna no exterior. Todavia, na era pós-moderna, a venda de craques e de jogadores medíocres nunca mais foi institucionalizada. Agentes da

América do Sul utilizam inúmeros contatos europeus para transferir jogadores cada vez mais jovens.

Classe e nação: tensões e paradoxos

Em estilo modernista clássico, a nação foi a principal unidade administrativa do futebol durante todo o século XX. Concomitantemente, o nacionalismo do jogo condensa a força da identificação nacional de povos específicos, de modo que tipos particulares de identidade são celebrados enquanto “outros” são categoricamente excluídos. Todavia, as identidades nacionais nunca são estáticas nem mononucleares. Há uma multiplicidade de identidades nacionais em qualquer nação, distinguíveis ao longo de linhas estruturais específicas ou de linhas ideológicas, tais como aquelas relacionadas à religião, à classe, à etnia ou à identificação com um soberano específico. Em sociedades multiculturais, a heterogeneidade das vozes nacionalistas é particularmente conspícua. Por exemplo, quando a França venceu a Copa do Mundo de 1998 em solo próprio, a vitória foi saudada por todos os matizes de opinião política e étnica; o povo de origem norteafricana desfraldou a tradicional tricolor junto à bandeira nacional argelina.

O cultivo do nacionalismo e o fomento de antagonismos nacionalistas tenderam a atingir seu ápice durante o início da modernidade do futebol. Na Europa Ocidental, podemos nos referir às décadas de 1920 e de 1930, quando os jogos internacionais de futebol eram inevitavelmente influenciados pelos sentimentos nacionalistas crescentes e pela militarização. Na América Latina, Peron pavimentou o caminho para os generais em todo o Cone Sul, procurando explorar o potencial nacionalista do futebol. No entanto, um debate importante continua entre os estudantes e o próprio povo em relação a quão instrumentais ou eficazes eram realmente os líderes militares em lançar políticas de futebol populistas (Arbena, 1990; Scher 1996; Giulianotti, 1999). Atualmente, o nacionalismo do futebol de uma série de Estados corporativistas é instigado pela batalha para abrigar torneios internacionais importantes: por exemplo, a disputa da Inglaterra e da Alemanha pela Copa do Mundo em 2006; a luta anterior do Japão e da Coreia do Sul para a Copa de 2002. Enquanto isso, grupos de torcedores rivais disputam o prestígio nacional, conquistando a imaginação global. A violência de algum *hooliganism* nos eventos internacionais poderia ser, em parte, explicada pela referência a seu *ethos* e retóricas nacionalistas, embora seja necessário examinar outros fatores (como identidade cultural jovem ou a estética corporal da violência: ver capítulo 3). Da mesma maneira, os torcedores não violentos incitam seu nacionalismo quando batalham para se tornar oficialmente reconhecidos como os melhores torcedores do mundo.

Ao mesmo tempo que o nacionalismo do futebol emerge periodicamente nos eventos e torneios internacionais, são interesses locais e municipais que seguram o jogo no nível básico. As lealdades diárias de torcedores

e jogadores tendem a ser concedidas a clubes individuais muito mais do que a nações. No âmbito do clube, encontramos importantes reflexões simbólicas do período moderno inicial, industrial, urbano, em que o futebol emergiu como esporte nacional, tanto no velho quanto no novo mundo. Exceto nas grandes cidades, a maior parte dos nomes de times anuncia orgulhosamente seus vínculos com uma localidade urbana. A maioria dos clubes foi fundada durante o período “tradicional” ou “inicial moderno” do futebol, quando um lugar geográfico foi favorecido; os clubes foram criados com propósitos sociais e culturais locais, muito mais do que como “privilégios” modernos para maximizar a renda dos esportes. Principalmente no Reino Unido, os nomes que os clubes escolhem enfatizam essa dimensão municipal, associativa: times representam a “cidade”, ou reúnem seus cidadãos (“United”). A mobilidade geográfica moderna (de um lugar conhecido) pode ser enfatizada (“Wanderers”, “Rovers” ou “Rangers”). Essas denominações modernistas contrastam de alguma maneira com a nomenclatura “pós-moderna” encontrada nos esportes americanos, em que os times são denominados simbolicamente conforme forças naturais ou criaturas; por exemplo, Chicago Bears, Atlanta Ravens, Toronto Maple Leafs (Laughlin, 1993, p. 97). Na América Latina, essa relação modernista é freqüentemente refletida com times como o Peñarol ou o Rosario Central, denominados de acordo com trabalhos ferroviários locais.

No Reino Unido, o nacionalismo intenso na insurreição da guerra de 1914 não evitou a emergência de diferenças baseadas em classes. A imprensa, os políticos e o público de classe média contrastaram a galante bravura de jovens soldados com os jogadores de futebol, que não conseguiam “dar sua pequena contribuição” por permanecerem em casa e por jogarem (Crampsey, 1990, p. 57). Críticas maiores centraram-se no impacto debilitante do futebol sobre o esforço de guerra, uma vez que milhares de possíveis recrutas alegavam que ser espectador era mais importante que o recrutamento militar (Birley, 1995b, p. 70-72). Na realidade, o público diminuiu, mas os entusiastas do futebol da classe operária do norte ainda demonstravam forte paixão pelo jogo, principalmente quando comemoravam os troféus recebidos.

Em termos de prática e de ser espectador, nítidas diferenças relacionadas às classes existem nas histórias iniciais do futebol do Reino Unido e no resto da Europa Ocidental. Antes e depois da Primeira Guerra Mundial, a Escandinávia, a Alemanha, a Itália e a França assistiram a uma explosão do envolvimento dos movimentos socialista e comunista na organização da participação das massas nos esportes, entre os quais o futebol era componente-chave. Os movimentos dos trabalhadores do Reino Unido não conseguiram desafiar a hegemonia das classes média e alta sobre a recreação da classe trabalhadora. Uma relação mais passiva em relação ao esporte inevitavelmente continuou; interesses comerciais por toda parte estimularam a bebida, os jogos a dinheiro e os espectadores (John Hargreaves, 1992, p. 134). Enquanto isso, os clubes de futebol eduardianos eram dominados

por éticas burguesas. Os dirigentes dos clubes sentiam-se moralmente obrigados a salvar os jovens da classe operária da dissolução moral e da permissividade física gastando suas energias nesse entretenimento saudável e nobre (Redhead, 1995, p. 43)¹². No início da década de 1960, um grande número de relatórios políticos guardava como relíquia essa ideologia¹³. Todavia, trinta anos depois, o valor real dos clubes de futebol como efetivas “unidades de prevenção ao crime” foi altamente questionado (Robins, 1992)¹⁴.

Portanto, as formas tradicionais e modernas do futebol são permeadas por três tipos fundamentais de identificação social: nação, classe e localidade. Ao mesmo tempo que os de nação e classe podem freqüentemente ser irreconciliáveis, a “intensa compressão física e temporal e a violenta adesão a uma causa” das partidas freqüentemente significam que os vínculos locais usualmente predominam sobre os nacionais (Marqusee, 1995, p. 54). Os clubes de futebol de áreas de classe operária forte são muito ligados à “estrutura de sentimento” local. Os cientistas sociais mais antigos que escreveram sobre a cultura do futebol no Reino Unido enfatizavam os vínculos profundos entre o clube e a sua comunidade operária¹⁵. A área do futebol tornou-se um espaço vital para a associação masculina, junto ao *pub* local e à fábrica ou indústria. As afinidades do clube e dos torcedores podem, às vezes, ser expressas politicamente durante lutas coletivas. Recentemente, o Borussia Dortmund ofereceu assentos grátis para os trabalhadores do aço que estavam em greve, enquanto jogadores do Liverpool manifestaram *slogans* de apoio aos portuários de Merseyside demitidos em sua longa disputa industrial.

Na época da pós-modernidade, três pressões contemporâneas arruinam essa “estrutura de sentimento” centrada na classe. Em primeiro lugar, no futebol de clube, há uma crescente polarização entre dois tipos de apoio. Por um lado, o tipo de apoio do “público local” é análogo à velha torcida da classe operária; a intensa adesão à causa e a lealdade dos torcedores são canalizadas para os times locais (Leifer, 1995, p. 85). Em contraposição, clubes como o Manchester United, o Liverpool, o Milan e o Bayern de Munique aderem ao modelo do “público nacional”. Seus torcedores seguem princípios utilitaristas: “Times vencedores acumulam seguidores, e times que perdem são inevitavelmente abandonados” (idem, 1995, p. 86; Alt, 1983). O sistema de organização do futebol assegura a times como esses uma competição cada vez mais dominada e uma cobertura do esporte pela mídia.

Em segundo lugar, a globalização traz consigo uma dissolução dos vínculos sociais e políticos locais entre o clube e a comunidade. O movimento internacional de jogadores também ocasiona a maior circulação de ressentimentos políticos e de perspectivas cosmopolitas. Hoje, é muito mais provável que o envolvimento político dos jogadores de futebol toque em questões internacionais do que locais. Por exemplo, jogadores suíços, noruegueses e da Sampdoria manifestaram-se contra os testes nucleares da

França no Pacífico Sul. Os jogadores da Sampdoria fizeram também protestos antes do jogo da liga italiana contra a guerra civil na Iugoslávia.

Em terceiro lugar, em termos de classe, o esporte da “classe baixa” tornou-se cada vez mais propriedade da cultura popular de classe média. Discuto essa transformação de maneira mais completa no capítulo 8, no que diz respeito à popularidade crescente do público de futebol no norte da Europa. Cabe acrescentar que esse processo manifesta-se também na América Latina na composição de classe dos torcedores e dos jogadores. “Craques” internacionais, como Redondo da Argentina e Francescoli do Uruguai são de origem de classe média estabilizada. Particularmente Francescoli representa um novo modelo de posição social latino-americana, possuindo capital cultural e equilíbrio psicológico para morar e jogar com êxito na França, Argentina e Itália durante uma longa e nômade carreira. Enquanto isso, as condições de vida das classes subalternas urbanas declinaram durante o último quarto do século XX. Desemprego, analfabetismo, habitações pobres, desnutrição e doenças crônicas simplesmente enfraquecem a busca de preparo físico e de grande destreza, pré-requisitos de qualquer carreira esportiva. Por isso, os jogadores mais bem-sucedidos de origem de classe média vêm cada vez mais de áreas rurais que propiciam aos jovens dietas mais nutritivas, baseadas em carne e exercícios com regularidade.

Ao contrário, as nações do sul da Europa sempre tiveram uma cultura de futebol relativamente destituída da idéia de classe. As diferenças ficam claras nas propostas que surgem para as cerimônias relacionadas ao futebol. Por exemplo, a Copa do Mundo de 1994 nos Estados Unidos assistiu ao espetáculo “Três tenores” (Pavarotti, Domingo e Carreras) que se apresentaram como parte das festividades (Hannigan, 1995, p. 195), exatamente como a interpretação de Pavarotti de *Nessun Dorma*, de Puccini, tornou-se o hino da Copa de 1990 na Itália. No norte da Europa, o casamento entre a ópera e o futebol marcou a entrada da classe média no jogo, pelo colapso pós-moderno da alta e baixa cultura. Ao contrário, no sul da Europa, de onde vieram esses cantores, os concertos simplesmente confirmaram a estrutura destituída de classe da cultura do futebol e da ópera popular.

Futebol e pós-modernização de Estados-nações: Estados Unidos, Irlanda e Austrália

Ao mesmo tempo que o futebol, a identidade nacional e a modernidade parecem estar profundamente inter-relacionados, não são processos evolucionistas nem universais. Como observei no capítulo 1, muitas sociedades passaram por processos de modernização e de construção de nações sem qualquer contribuição significativa do futebol. Nesses casos, culturas de outros esportes foram utilizadas para consolidar sentidos diversos de identidade nacional (Taylor, 1988, p. 538). Nos Estados Unidos, na Irlanda e, em menor extensão, na Austrália, os legados dos antigos esportes coloniais foram

transfigurados para inventar novas tradições de esportes nacionais, incluindo além disso variações no futebol. Todavia, em cada caso, a nova importância cultural e social do futebol emergiu na era pós-moderna, após o moderno processo de construção das nações ter sido concluído.

Nos Estados Unidos, o futebol nunca pertenceu à lista de passatempos americanos, tais como o futebol americano (*gridiron*), o beisebol e o basquete. O futebol havia sido jogado intensamente pelos imigrantes europeus nas cidades do leste desde a década de 1900 (Bazzano, 1994, p. 113), quando a Igreja ajudava a promovê-lo (Reiss, 1991, p. 106). O jogo profissional desfrutou de um curto *boom* na costa leste na década de 1920 e os primeiros times americanos produziram alguns resultados surpreendentes¹⁶. No entanto, o jogo continuou a ser associado a grupos étnicos relutantes à assimilação ou à “americanização” (Mormino, 1982; Pooley, 1976; Walter *et al.*, 1991).

No final dos anos 60 e na década de 1970, os líderes do futebol nos Estados Unidos adotaram uma estratégia moderna pretensiosa para comercializar o jogo. Os times foram organizados na grande NASL, os jogos eram realizados em enormes e sofisticados estádios, velhas estrelas do exterior eram recrutadas para jogar (Sugden, 1994, p. 242-245; Miller & Russel, 1971, p. 36-37). Embora tenha tido êxito por um tempo, ao atrair públicos étnicos (principalmente em Nova York), o espetáculo comercial soçobrou amplamente na questão da construção da nação: a dependência de jogadores estrangeiros efetivamente antagonizou os americanos. No início da década de 1990, um grande número de jogadores estrangeiros em times de futebol universitários refletiu o pouco interesse do público em geral (Bale, 1991a, p. 55-57).

Em 1994, os Estados Unidos abrigaram a Copa do Mundo com êxito, simbolizando um importante ponto de transição tanto nas fortunas americanas do jogo quanto no sentimento de identidade da nação. A MLS foi lançada logo depois, empregando a modesta e pós-moderna filosofia de “miniatura” dos negócios, com apenas doze “privilégios” de time, limites na compra de estrelas do exterior, salários dos times de no máximo \$ 1,19 milhão, regras que demandavam estádios mais familiares para as partidas e uma estratégia planejada a longo prazo que aceitasse perdas de \$ 19 milhões no primeiro ano. O objetivo a longo prazo da MLS é entrar no amplo mercado dos jogadores de futebol organizados dos Estados Unidos, estimado entre 12,2 e 16 milhões (Giulianotti, 1996a, p. 326). A maioria era de crianças brancas e de classe média dos bairros mais afastados. Para muitos, o jogo é um enclave cultural da ética violenta de jogar ou da dominação afro-americana (Andrews *et al.*, 1997; Wagner, 1990, p. 401). Para estabelecer uma modesta, mas lucrativa, posição conveniente nos esportes dos Estados Unidos, a MLS espera entrar nesse mercado e atrair os indivíduos de dupla nacionalidade da Europa, da América Central e dos países do Sudeste asiático com interesse estabelecido em futebol¹⁷. Em vez de ser um mecanismo moderno para unir a nação por meio do esporte,

a sobrevivência do futebol depende da exploração de divisões de classes e étnicas pós-modernas.

Na Irlanda, a pós-modernização da identidade nacional foi um facilitador chave para a nova atração do futebol. Historicamente, o futebol na Irlanda foi considerado o “jogo de tropas militares”, um esporte inglês em desacordo com os “tradicionais” jogos de arremesso e de futebol dos celtas, que haviam sido institucionalizados e popularizados durante o final do século XIX. Os últimos foram controlados pela GAA, que ameaçou expulsar os membros que jogassem o esporte colonial. A divisão da Irlanda, em 1921, permitiu total independência para 26 de seus 32 condados, tendo os 6 do norte permanecido sob jurisdição britânica. A GAA continuou a organizar os jogos célticos em uma base inteiramente irlandesa, refletindo assim o novo compromisso da República com a reunificação. A GAA monopolizou a contribuição do esporte para a modernização irlandesa. Ela simbolizou uma quebra com o passado colonial, professou ser a organização de esportes nacional, e apresentou seus jogos como indissolúvelmente “irlandeses”. No entanto, a Irlanda nunca se estabeleceu de fato como nação “moderna”. A área rural continuou a mais populosa, a “alma” cultural da Irlanda; a secularização foi muito limitada; a imigração em massa impediu o crescimento demográfico e industrial; a divisão significou que a Irlanda julgava-se territorialmente incompleta (O’Toole, 1994). Efetivamente, os jogos dos celtas dominaram áreas rurais, enquanto as cidades de Dublin e de Cork dedicaram-se também ao futebol.

Recentemente, o futebol da Irlanda floresceu, particularmente nos jogos internacionais. A classificação foi assegurada, em primeiro lugar, nos Campeonatos Europeus de 1988 e, em seguida, nas Copas do Mundo de 1990 e de 1994. Uma política pragmática de seleção fez com que grandes jogadores nascidos no exterior fossem recrutados para jogar na Irlanda devido a sua ancestralidade irlandesa. Essa abordagem também reflete a condição “pós-moderna” da Irlanda, ao reconhecer as conseqüências da diáspora, pelas quais “o fato de ser irlandês” não pode estar restrito a uma simples ilha (Giulianotti, 1996a e 1996b). Selecionando jogadores não-brancos, como Babb, McGrath e Phelan, compeliu os irlandeses indígenas a se confrontar com os elementos racistas dentro de sua cultura. Além disso, o time, as autoridades e os torcedores irlandeses buscam coletivamente se distanciar do nacionalismo dos esportes da GAA, adotando abordagem agnóstica em relação à política da Irlanda (Holmes, 1994; Hunt, 1989, p. 19). Como Fintan O’Toole observou, “o time permitiu ao povo na República celebrar sua identidade sem ser encoberto pelas complicações obscuras do Norte” (*Irish Times*, 29 de junho de 1994).

Como nos Estados Unidos e na Irlanda, o futebol na Austrália foi tradicionalmente marginalizado. A formação da identidade nacional australiana em todo o século XIX foi dominada por relações com a Grã-Bretanha e o esporte foi o meio-chave de sua hegemonia cultural. A paixão resultante pelo esporte nunca assistiu ao futebol suplantar a popularidade dos *aussie*

rules ou da liga de rúgbi (Vamplew, 1994a, p. 208). Depois da Segunda Guerra Mundial, o futebol nativo tornou-se o espaço reservado aos novos imigrantes europeus do sul; a maioria anglo-saxônica manteve um interesse no futebol através dos jogos ingleses televisionados (McKay *et al.*, 1993, p. 16). Confirmando a marginalidade das comunidades étnicas da Austrália, o futebol foi menosprezadamente considerado *wogball** (Vamplew, 1994b, p. 3). Relações entre clubes de futebol étnicos tenderam a refletir os conflitos e inimizades da política dos Bálcãs. Incidentes devido a desordens de torcedores foram amplamente exagerados pelos meios de comunicação australianos (Hughson, 1992, p. 14-15; Mosely, 1994). Em resposta, a Federação Australiana de Futebol procurou “tornar australianos” os clubes, demandando que mudassem suas denominações étnicas – a partir de então, por exemplo, Sydney Croatia tornou-se Sydney United. Essa “harmonização” crua representou uma recusa de caracterização multicultural pós-moderna da Austrália e não conseguiu anglicizar os clubes ou a cultura futebolística indígena (Hughson, 1997a). Os principais clubes e o time nacional australiano continuaram a ser dominados por grupos étnicos. Enquanto isso, a esquizofrenia dos clubes em parte integracionistas, em parte multiculturais, arriscou seu futuro na Austrália. Novas minorias étnicas (especialmente dos países do Sudeste Asiático) não foram selecionadas pelos clubes que preservavam um simbolismo étnico. Todavia, muitos imigrantes europeus das segunda e terceira gerações foram bem integrados na vida cultural e industrial australiana e, assim, tiveram pouco desejo, tempo ou energia para trabalhar para os clubes de modo a mantê-los vivos (Hay, 1998).

O futebol nos Estados Unidos, na Austrália e na Irlanda demonstra que os sentimentos de identificação nacional não estão nitidamente englobados dentro dos limites políticos. A identificação com uma “comunidade imaginária” de companheiros nacionais pode se estender a muitos outros territórios geopolíticos (como no caso da Irlanda). Internamente, uma “nação” pode abrigar muitos sentidos de identidade nacional conflitantes (como na Austrália e nos Estados Unidos). Uma política de “multiculturalismo” tolerante pode parecer uma resposta sensível e liberal para esses problemas. No entanto, “multiculturalismo” supõe que antagonismos entre grupos minoritários possam ser ocultados, o que nem sempre acontece (como demonstrado na Austrália). Esquece-se de que sentimentos competitivos de identidade étnica ou nacional continuarão entre diferentes estratos dentro da mesma comunidade “nacional” (Hughson, 1997b).

As pressões globais sobre a unidade nacional afetam todas as sociedades futebolísticas. A integridade nacional das ligas de futebol é arruinada por clubes pequenos e endividados que querem “deslocar-se” para uma outra nação e, ao mesmo tempo, continuar a participar das mesmas

* Jogo de gringo. (N.T.)

competições domésticas¹⁸. É mais seriamente arriscado, pelas aventuras comerciais, estabelecer ligas continentais de elite como aquela constantemente proposta na Europa. Nos quatro capítulos finais, observo como a globalização e a desconstrução dos limites nacionais têm impacto sobre o lado dos negócios do futebol, a posição dos jogadores, os meios de comunicação de massa, técnicas e estéticas de jogar e algumas questões políticas contemporâneas internas ao jogo. Nos dois próximos capítulos, observo as culturas dos torcedores e como seu ambiente espacial para assistir ao jogo foi modernizado.

Notas

- ¹ Vidacs (1997) observa que, em Camarões, Zâmbia e outras nações africanas, estações de rádio transmitem ao vivo a cobertura de partidas que envolvem o time nacional, possibilitando que se faça a demanda de unidade nacional.
- ² A complexidade e o caráter híbrido desse “cenário do futebol” são nitidamente exemplificados pelo jogo entre Austrália e Arábia Saudita em 1988 em Sidney. A partida era parte de um torneio que celebrava o bicentenário australiano, embora o futebol na Austrália seja famoso por seu suporte étnico majoritário. O time da Arábia Saudita foi convidado para participar inicialmente por razões econômicas (a venda de direitos de televisão no continente). Os sauditas alugaram a maior parte das placas de propaganda que ficam nas laterais do campo, cobrindo-as com *slogans* escritos em árabe que anunciavam estritamente bens de consumo ocidentais como os chocolates Mars (Rowe *et al.*, 1994, p. 671-672).
- ³ Este processo foi documentado detalhadamente de maneira excepcional em outro lugar, e não tenho a intenção de relatar essa análise. Ver Tomlinson (1986, 1994), Sugden & Tomlinson (1997, 1998, e Sugden, Tomlinson & Darby (1998).
- ⁴ Os fundadores foram Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça (Tomlinson, 1994, p. 13).
- ⁵ 250 mil assistiram à final da Copa de 1923, conhecida como a “White Horse Final”, pois a polícia montada ajudou os espectadores a entrar no campo (Dunning *et al.*, 1988, p. 91; Signy, 1969, p. 48). Na Escócia, 150 mil assistiram à partida entre Escócia e Inglaterra no Hampden Park, Glasgow, em 1937; uma semana depois, mais de 165 mil torcedores assistiram à final da Copa Escocesa entre o Celtic e o Aberdeen (Webster, 1990, p. 87).
- ⁶ Como reflexo da continuidade da influência do Reino Unido no desenvolvimento do futebol no exterior, Signy (1969, p. 51) relata que esse time australiano foi tutelado por Jimmy Hogan, “o técnico inglês com métodos escoceses”.
- ⁷ O Dinamo empatou com o Chelsea em 3 a 3, venceu o Cardiff City por 10 a 1, em seguida o Arsenal por 4 a 3 e, finalmente, empatou em 2 a 2 com o Glasgow Rangers. Cerca de 260 mil torcedores assistiram aos quatro jogos.
- ⁸ A onipotência da Fifa é refletida na prioridade dada ao seu maior torneio de futebol, a Copa do Mundo, sobre todos os outros eventos, inclusive os Jogos

Olímpicos. As partidas classificatórias para a Copa do Mundo têm prioridade sobre qualquer outro jogo.

- ⁹ O nome espanhol da Concacaf refletiu as influências políticas da América Central e os êxitos no campo, mas a localização de seus escritórios em Nova York indicou onde se esperava que aparecesse o crescimento econômico e cultural.
- ¹⁰ O Conselho Internacional é responsável pela fiscalização e emendas das leis do futebol. Tem oito assentos: quatro controlados pela Fifa e cada um dos outros controlado pelos quatro países das British Home Nations. Um mínimo de seis votos é requerido para uma moção de lei passar no conselho.
- ¹¹ Appadurai (1995) coloca uma questão semelhante quando discute as partidas de críquete entre a Índia e o Paquistão. Ele argumenta que essas partidas não são simplesmente “uma válvula de escape para a hostilidade entre as duas nações”, mas uma “arena complexa” para dramatizar essa animosidade e fraternidade que existe entre elas.
- ¹² Pesquisas sobre o positivismo americano ainda continuam a defender a visão de que o esporte organizado, não competitivo, é um forte dispositivo de prevenção contra uma vida de delinquência entre os jovens (Agnew & Petersen, 1989).
- ¹³ Ver, por exemplo, o Woolfenden Committee em *Sport and the Community* (1960); o Albemarle Report em *Youth Service* (1960); o Crowther Report 15-18 (1960); o Newsom Report, *Half Our Future* (1963).
- ¹⁴ A pesquisa Personal na Escócia descobriu que os grupos de *hooligans* em Aberdeen e em Edinburgh encontraram seus próprios clubes de futebol, o que de modo algum reduziu as atividades violentas de seus jogadores quando assistiam aos jogos.
- ¹⁵ Os maiores expoentes da relação histórica entre o futebol britânico e a classe operária urbana foram os sociólogos de esquerda da década de 1970, principalmente Ian Taylor (1970, 1971, 1982a, 1982b, 1987, 1991a, 1991b), Phil Cohen (1972), Chas Critcher (1971, 1979) e John Clarke (1978).
- ¹⁶ Em 1909, um time de imigrantes italianos de Nova York jogou com os campeões olímpicos da Grã-Bretanha. Na Copa do Mundo de 1950, no Brasil, a Inglaterra foi humilhada por perder por 1 a 0 do time dos Estados Unidos.
- ¹⁷ A nova liga de futebol do Japão teve problemas semelhantes: uma história de fracasso ao formar ligas profissionais; neste caso, a queda do público.
- ¹⁸ Por exemplo, o clube belga Mouscron procurou jogar suas partidas em que tinha mando de campo em um grande estádio na França; os clubes ingleses de Wembleton e Clydebank pensam seriamente em mudar para Dublin, onde consideram existir um mercado de futebol jovem e não inteiramente preenchido.